

junho 2

REGIÃO

Calçadistas não têm motivos para comemorar

Presidente do Sicovape está esperando acerto da economia

O Plano Real, lançado pelo Governo há um ano e um dia, ainda vai acertar a economia do Brasil. A opinião é do presidente do Sicovape (Sindicato do Comércio Varejista de Penápolis), Jairo Rodrigues da Silva. "Dentre todos os planos, esse foi o melhor", elogia Silva. Segundo ele, o Plano provicou um grande susto, mas veio para ficar. Acostumados com uma economia inflacionária, os comerciantes tiveram que se adaptar à nova realidade.

Silva diz que a formação de gran-

des estoques, os quais davam muito lucro aos comerciantes, já não acontecem mais. "Agora a mercadoria tem que girar com maior frequência", explica. Não há aquela loucura de remarcações", completa. Apesar da recessão que o país está vivendo, Silva acredita que haverá uma adaptação. "O comércio já está sentindo que o real tem valor e é preciso trabalhar dentro de uma economia não inflacionária. Estamos otimistas", comenta o presidente do Sicovape sobre o futuro do Plano.

Apesar de queda nas vendas e concorrência considerada desleal, empresários dizem acreditar no futuro do Plano

Karyn Estrada

Os empresários de Birigui não tiveram motivação para comemorar o primeiro ano do Plano Real. Depois de recordes de vendas no final de 94, as indústrias de calçados, o principal setor da cidade, sofreu desde o início deste ano uma queda de 80% nas vendas, em média. A situação se agravou com a alta inadimplência dos clientes, calculada em 12%, com a concorrência com os produtos importados e com os nacionais que deixaram de exportar com a defasagem cambial.

A crise foi comentada como a pior do setor, com o índice de demissões calculado em cerca de 5 mil. As empresas foram obrigadas a diminuir a produção e a margem de lucro para continuar operando. Algumas preferiram mandar os funcionários embora e esperar uma reação da economia. As menores recorrem ao desconto de duplicatas em bancos para conseguir garantir o capital de giro.

Porém, todos estes problemas não fizeram que os empresários criticassem o Plano Real e as medidas tomadas pelo Governo. A maioria acredita que o Governo está agindo bem e prevê melhora das vendas e reforçamento da economia a médio e a longo prazo, começando gradativamente daqui a dois meses.

Apesar de considerar ruim o primeiro semestre deste ano, o diretor da Acip Indústria e Comércio de Calçados, Sérgio Rubens Chagas, divide a opinião da maioria dos

empresários e acredita no Plano Real. Segundo ele, a inadimplência foi gerada pelo excesso de compras no final do ano passado. "A situação piorou quando a exportação diminuiu devido à defasagem cambial e tivemos uma avalanche desses produtos no mercado", comenta. "As empresas tiveram que se readaptar à nova situação".

A adaptação foi apontada por Chagas como o motivo de uma importante mudança nas empresas de Birigui. "O perfil dos empresários mudou", avalia.

"Agora eles estão mais preocupados com o cliente". Ele lembra que as empresas se tornaram mais competitivas neste período.

"As empresas tiveram que investir na qualidade e na produtividade para satisfazer o novo consumidor, mais exigente".



Empresas foram obrigadas a reduzir margem de lucro

Diversos setores têm problemas neste semestre

Os outros setores econômicos de Birigui também tiveram problemas neste primeiro semestre. As indústrias metalúrgicas da Cidade estão trabalhando com uma margem nula de lucro para garantir o mercado. O diretor proprietário da Metalma, Luiz Carlos Rodrigues Borini, contou que o setor suporta no máximo mais dois meses nesta situação. "Nosso principal problema é que mantivemos o preço final enquanto o preço do aço subiu cerca de 80%", explica. Ele acredita que em alguns meses a situação começa a normalizar. "O Governo precisa realmente educar o povo brasileiro, por isto este erro é necessário", comenta.

O presidente da Acib (Associação

Comercial e Industrial de Birigui), Nivaldo Albani, concorda com Borini. "Os produtos precisam voltar ao preço justo", acredita. "E os consumidores precisam aprender o valor da moeda que têm no bolso". Ele lembra que não existe cirurgia sem dor. O comércio de Birigui também passou por dificuldades nos últimos meses, teve uma queda brusca nas vendas e a inadimplência está prejudicando principalmente os pequenos comerciantes.

"Todo este problema está acontecendo porque alguns consumidores acreditaram que o Plano não ia dar certo", sugere Albani. "Compraram tudo que podiam acreditando na desvalorização da moeda, o que não aconteceu". O presidente acredita

que a partir da educação do povo, o Plano começará a caminhar normalmente.

Albani comenta que o ano não foi ruim se for verificado o volume de vendas. "Eu vendi muito mais que no ano anterior", confessa. "A diferença foi que o lucro foi menor". O gerente das Casas Pernambucanas, Dalvi Cesário dos Santos, considera este primeiro ano do plano bom. "As vendas cresceram", afirma. "Percebemos que depois das compras de Natal as pessoas começaram a gastar mais com alimentação, por isso queda nas vendas nos últimos meses". Santos acredita que as medidas do Governo servirão para educar o povo e que, nos próximos meses, as vendas vão crescer. (K.E.)

8 - Araçatuba, domingo, 16 de julho de 1995

ECONOMIA

Editora: Flávia Renata Paschoal

CRISE

Fábricas de Birigüi demitem 2 mil em 45 dias

Tribunal deve inspecionar Banco do Brasil esta semana

BRASÍLIA - O TCU (Tribunal de Contas da União) vai promover uma inspeção junto ao Banco do Brasil, a partir desta semana, para verificar a legalidade do seu programa de demissões voluntárias e da contratação, sem concorrência pública, da empresa de consultoria Drake Beam Morin do Brasil, responsável pela elaboração do programa. A decisão foi comunicada ao deputado Severiano Alves (PDT-BA), quando ele encaminhou ao tribunal uma representação

solicitando auditoria contábil, financeira, orçamentária e patrimonial do Banco do Brasil.

Os auditores do TCU deverão iniciar o trabalho de inspeção na terça-feira. Todos os dados recolhidos junto à instituição serão encaminhados ao relator do processo, ministro Iram Saraiva, responsável pelo pedido de inspeção aprovado pelo plenário do TCU na quarta-feira. Caberá a ele apresentar um relatório sobre o programa de demissões voluntárias.

Setor calçadista atravessa pior crise, segundo patrões e empregados; maior volume de dispensas ocorreu este mês

Francisco Siqueira (*)

Quase dois mil trabalhadores foram demitidos pela indústria calçadista de Birigüi nos últimos 45 dias. É a pior crise do setor, segundo opiniões de representantes das classes patronais e de empregados. Conforme levantamento divulgado pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Calçados de Birigüi, nos seis primeiros meses deste ano foram feitas 3.891 rescisões de contratos de trabalho e nem um terço do total conseguiu recolocação. O maior volume de demissões ocorreu entre os dias 1º de junho e 10 de julho, quando foram registradas 1.901 de-

missões.

Um retrato da situação ocorreu no último dia sete de julho, quando ex-trabalhadores da indústria de Calçados Menopé não tiveram alternativa senão receber o pagamento do acerto em calçados. A indústria pertence ao presidente do sindicato patronal, Marcos Antonio Noale e, como tantas outras da Cidade, enfrenta problemas para continuar funcionando. Somente neste ano, pelo menos oito pedidos de falência contra indústrias de calçados de Birigüi foram protocolados no Fórum da Comarca.

Informações de patrões e empregados dão conta que pequenas e médias empresas já estão em vias de encerrarem as atividades, mas não só elas: "As grandes empresas também atravessam o mesmo processo, mas sentem menos que as pequenas", diz Noale. Para piorar, a

Francal, que era aguardada como uma tábua de salvação, terminou em fracasso para os calçadistas: "foi pior do que se possa imaginar; quem esperava vender a produção para um mês conseguiu no máximo para uma semana, e quem esperava vender para uma semana, conseguiu no máximo para três dias", conta o diretor-executivo do sindicato patronal, Nalberto Vedevoto.

Na última sexta-feira, Noale entregou ao presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Carlos Eduardo Moreira Ferreira, um manifesto, no qual traduz a crise como "o pior momento econômico, vivido pelo nosso parque industrial em 40 anos de existência". Conforme o manifesto, assinado também por representantes da Acib (Associação Comercial e Industrial de Birigüi), a crise é motivada "principalmente por fatores externos, oriun-

dos do poder político central" e "se dá com o desaparecimento de centenas de indústrias, aliando milhões de empregos, impossibilitando o sustento dos trabalhadores ao mesmo tempo em curto espaço de tempo".

O manifesto enumera as causas da crise: a) alta taxa de juros, "que reduz com nossa capacidade de capital giro"; b) concorrência desleal com países asiáticos, "que colocam o produto no Brasil a custo de nossa matéria-prima, tornando impossível competir com uma mercadoria que não tem encargos tributários e trabalhistas"; c) a manutenção do "Custo Brasil", "que aniquila com qualquer possibilidade de exportação dos nossos manufaturados". Para acabar com a crise, o manifesto sugere, além de outras medidas, "a transparência por parte da equipe econômica do governo, dos rumos da nossa economia para os próximos 18 meses..."

Sindicalistas alertam sobre possibilidade de paralisação

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Calçados de Birigüi começa a mobilizar os empregados para as negociações do dissídio da categoria. O fracasso na primeira rodada de negociação, na última quinta-feira, fez com que o Sindicato optasse pela mobilização dos trabalhadores. Amanhã pela manhã, sindicalistas deverão distribuir panfletos nas portas das fábricas para explicar o impasse nas negociações e alertar sobre a possibilidade de uma greve.

Essa possibilidade era quase totalmente afastada pelos sindicalistas antes do encontro de quinta-feira, mas o malogro nas negociações decepcionou os sindicalistas. Os tra-

balhadores esperavam que os empregadores apresentassem uma contraproposta às reivindicações da categoria: piso salarial de R\$ 250,00, aumento real de 30%, cesta básica de 35kg, tiquete alimentação de 30%, convênio médico gratuito e auxílio-escola, o que acabou não acontecendo. Os patrões alegaram que ainda precisariam de mais tempo para fazer a contraproposta, o isso desagradou os trabalhadores.

"Ainda esperamos encerrar as negociações antes de agosto, apesar do impasse. Acreditávamos que os patrões apresentassem números para abrir negociações, mas nem isso eles fizeram, o que é estranho, pois eles

tiveram 40 dias para conhecer nossas reivindicações", diz o secretário de diretoria do Sindicato dos Trabalhadores, Luiz Antonio Alves. Segundo ele, as negociações devem prosseguir até o próximo dia 20. "Será o dia do acordo e, se o impasse continuar, vamos reunir a categoria e discutir os rumos a serem tomados, podendo até a greve, se for necessário", afirmou Alves. Segundo ele, as comissões de fábricas serão formadas para acompanhar as negociações e dar suporte a contraproposta dos patrões. Essas comissões também vão organizar a mobilização dos operários, inclusive a greve, caso as negociações fracassarem. (FS)

□ PREÇOS - Com as últimas estatísticas sobre o comportamento dos preços agrícolas nas mãos, alguns dos principais assessores do presidente Fernando Henrique Cardoso avaliavam que o pior da crise da agricultura já passou. Os dados mostram uma forte recuperação dos preços de mercado do arroz, do milho e da soja. Esses assessores admitiram, no entanto, que a solução dos problemas do produtor rural coloca no horizonte um novo dilema para o governo: o aumento da inflação. No caso do arroz, o preço de mercado pulou de R\$ 6,80 a saca de 60 quilos, em 25 de abril, para R\$ 10,00 esta semana, igualando o preço mínimo. O preço da saca do milho, que era de R\$ 4,50 passou para R\$ 6,80.

8 - Araçatuba, quinta-feira, 7 de setembro de 1995

ECONOMIA

Folha da Região

Calçadistas fazem Feirão para aquecer vendas

Fibi acontece de hoje até segunda-feira, a partir das 9 horas, no salão de festas da Paróquia Imaculada Conceição

BIRIGUI - Sapatos a partir de R\$ 2,00. Bolsas, cintos e confecções com preços menores que os praticados pelas fábricas. Começa hoje o I Fibi (Feirão das Indústrias de Calçados e Vestuários de Birigui). A inauguração será às 8 horas no salão de festas da Paróquia Imaculada Conceição, com a presença do prefeito Florival Cervelati (sem partido) e demais autoridades municipais. O feirão estará aberto para o público das 9h até às 21 horas, de hoje até segunda-feira.

Segundo Nalberto Vedovotto, 44 anos, diretor executivo do Sindicato das Indústrias de Calçados e Vestuário, há grande expectativa de público. Além de servir como apresentação dos diversos produtos fabricados na Cidade para a própria

população, o Feirão é uma tentativa desesperada dos fabricantes locais em aquecer as vendas e atender aos pagamentos atrasados de fornecedores e trabalhadores.

Dentro do recinto haverá um show com o músico Marquinho, tecladista e cantor da Escola de Música Mário Bonfim. Quem compra na feira ganha um cupom para concorrer ao sorteio de duas bicicletas.

Para se ter uma idéia da necessidade dos produtores em repor dinheiro em caixa, sapatos serão vendidos a partir de R\$ 2,00, segundo propaganda na mídia local. Outros artigos comercializados por 51 empresas presentes em 48 estandes também terão preços sem concorrência, de acordo com Vedovotto.

Esta primeira experiência será para analisar o retorno, a fim de formar uma comissão entre fabricantes e transformar o I Fibi em um feirão itinerante.

Sindicato de Birigui pode representar comerciários

O juiz Egberto de Almeida Penido da 2ª Vara da Comarca de Birigui julgou improcedente a ação de anulação de atos cumulada com pedido de dissolução de associação movida pelo Seca (Sindicato dos Empregados no Comércio de Araçatuba e Região) contra o Sindicato dos Empregados no Comércio e Empregados das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte do Comércio de Birigui.

A sentença foi proferida na segunda-feira, dia 4. O juiz também condenou o Seca a pagar as custas, despesas processuais e honorários advocatícios, decorrentes da ação.

De acordo com o advogado do Sindicato dos Comerciários de

Birigui, José Carlos de Souza Saquetini, 42 anos, com o resultado o Sindicato torna-se o legítimo representante dos trabalhadores do comércio de Birigui. "A decisão judicial põe fim às dúvidas criadas no seio dos trabalhadores". Ao contrário do que pretendia o Sindicato dos Comerciários de Araçatuba, o de Birigui saiu da disputa fortalecido. "Foi uma grande vitória", afirmou.

A primeira providência, segundo o presidente da entidade Donato Taldivo, 41 anos, será a filiação junto à Federação Comercial, em São Paulo.

O presidente do Seca, José Carlos dos Santos, não foi encontrado ontem para comentar o assunto.



Taldivo (à direita) recebeu a sentença que torna Sindicato legítimo

ECONOMIA

Araçatuba, quinta-feira, 21 de setembro de 1995 -

EMPREGOS/BIRIGUI

Empresas de calçados demitem menos este mês

Em relação aos outros meses do ano, setembro registrou o menor índice, de acordo com presidente de sindicato

O número de demissões nas fábricas de calçados em Birigui atingiu esse mês o patamar mais baixo do ano: 177. A informação foi dada ontem pela presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de Birigui, Shirley de Fátima Rodrigues, 37 anos. Segundo ela, o maior problema que os trabalhadores das indústrias de calçado enfrentam no momento é o atraso no pagamento dos salários.

Para a sindicalista, o aquecimento nas vendas está contribuindo para diminuir o número de dispensas. De janeiro até ontem, foram demitidos 5,2 mil traba-

lhadores na cidade. Apenas neste mês foram dispensados 177 empregados. Comparados com os números de julho, quando o sindicato registrou 1.023 rescisões, as demissões verificadas em setembro indicam que a situação do setor produtivo de calçados em Birigui começa a se estabilizar.

"A tendência é a de que as empresas suspendam gradativamente as demissões e comecem a contratar", acredita Shirley. Para provar a teoria, ela aponta as fábricas de calçados Bical e Kid, que já começaram a aumentar o quadro de funcionários nas linhas de produção.

ATRASO

O atraso no pagamento dos salários passou a ser o maior pro-

blema dos trabalhadores. Na segunda-feira os funcionários da Pachelli fizeram uma paralisação na porta da fábrica mas, por enquanto, conseguiram apenas a promessa de pagamento dos salários atrasados de agosto. O proprietário Vander José Pachelli garantiu que pagaria amanhã.

Ontem o Sindicato recebeu nova denúncia de atraso.

Desta vez a queixa é contra a Reanne. A presidente do sindicato disse que os patrões têm que fazer previsão de pagamento de salários.

"A situação está difícil mas os salários têm que vir sempre em primeiro lugar na ordem dos compromissos. Algumas empresas chegam a atrasar os pagamentos todos os meses, caso da Menopé e da A Turma da Chupeita", denunciou.

Dayse Maria



Shirley, "salário primeiro"

Proprietários de indústria não comparecem a audiência

Os proprietários da indústria de calçados infantis Norby, Lourival Romualdo Prestes e Marilza Pena de Carvalho faltaram mais uma vez à audiência de conciliação que estava marcada para terça-feira, na Junta de Conciliação e Julgamento de Birigui. Prestes e Marilza fecharam a fábrica em maio e desapareceram sem pagar 50 trabalhadores da linha de produção.

O processo agora corre a revelia e a sentença da juíza Silnei Garrido Lage é esperada para dentro de 15 dias, conforme informou a advogada do

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Calçado, Maria Aparecida Cruz dos Santos. Segundo ela, apesar de várias notificações terem sido feitas através de editais nos jornais, os proprietários não compareceram. O sindicato vem fazendo investigações em cidades por onde o casal passou para tentar encontrar bens a fim de garantir o crédito dos trabalhadores. A última foi Itapeçerica da Serra. O próximo passo, segundo a advogada, é acionar a Ciretran (Circunscrição Regional de Trânsito) e a Telesp para tentar localizar o casal.

da Região

ECONOMIA

Araçatuba, sábado, 16 de dezembro de 1995 - 11

eira da Indústria de Birigüi começa hoje

promessa de ofertas baixas, pequenas lojas dividem espaço comerciantes na II Fibi

Enquanto isso, no interior do Eventos Center, lojistas e produtores davam os últimos retoques nos estandes. O maior momento da Fibi, segundo a empresária Fátima Maria Cristina Gonçalves, será justamente hoje. Cristina leva para o Fibi desde camisetas tops até conjuntos de cotton-lycra, com preços variando entre R\$ 2,00 e R\$ 14,90.

Pressão mesmo, segundo Cristina, fizeram os comerciantes. A comissão organizadora da II Fibi "foi forçada a fazer concessões, permitindo o ingresso de 20 lojistas". Mesmo assim, a presença de comerciantes não assusta o pequeno empresário: "Eles não têm preço para concorrer com produtores".

Em dez anos no ramo de confecções, Sebastiana Bruno Leite, outra estreante na Fibi, vê esta como a pior crise do setor industrial. Para sair do sufoco, Sebastiana promete oferecer confecções em seda, crepe e linho por R\$ 15,00.



Paulo Gonçalves

Empresários davam os últimos retoques nos estandes da Fibi

Liminar suspende Programa de Fusões

BRASÍLIA - A juíza da 4ª Vara Federal, Selene Maria de Almeida, concedeu, ontem, liminar suspendendo, temporariamente, o Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer), criado por resolução do Conselho Monetário Nacional, no dia 4 de novembro deste ano.

O Proer foi o instrumento legal que possibilitou a incorporação do Banco Nacional pelo Unibanco. A suspensão do Proer só terá efeito a partir da publicação da sentença, prevista para segunda ou terça-feira.

A concessão do pedido de liminar

ocorreu em uma ação popular movida pelo presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Ricardo Berzoini.

A juíza concordou com o argumento apresentado pelo advogado de Berzoini, Jarbas Andrade Marchioni, de que o Banco Central não pode criar programas ou fundos com juros subsidiados sem a aprovação do Congresso Nacional.

Na ação, Berzoini comenta que o diretor de Normas do Banco Central, Cláudio Mauch, deu declarações de que o prejuízo do Unibanco, na fusão com o Nacional, chegaria a R\$ 4 bilhões, e que esse dinheiro seria coberto com recursos do Proer.

Vendas da II Fibi devem aumentar até quinta

Paulo Gonçalves

Segundo Antônio Carlos Candelária, da comissão organizadora, muita gente esteve visitando o local

As vendas da II Fibi (Feira da Indústria e do Comércio de Birigui), realizada no Eventos Center, ainda não atingiram as expectativas dos 110 comerciantes e produtores participantes. A previsão, segundo Antônio Carlos Candelária, membro da comissão organizadora, é de que elas aumentem até quinta-feira, último dia do evento.

Candelária disse ontem que muitas pessoas visitaram o local no último final de semana. "Compradores de outros municípios estão aproveitando os preços", comentou. Pessoas de Gabriel Monteiro, Votuporanga, Três Lagoas e até de Rondônia têm prestigiado a II Fibi. Os consumidores araçatubenses também têm comparecido. De acordo com Candelária, os biri-

guitenses preferem esperar pelos últimos dias da feira, quando os preços devem baixar ainda mais. "Por enquanto eles só pesquisam."

O horário de funcionamento da Fibi é das 14 às 22 horas. Candelária adverte ao público que não há intenção de prorrogar o evento. "Vamos honrar nossos compromissos e finalizar a feira impreterivelmente no dia 21", declarou.

Sem grandes expectativas de vendas, Enelzita Vedovotto Mastelaro, dona de uma confecção de roupas íntimas, achou bom o nível de negócios. Ela acredita que nos últimos dias as vendas aumentem um pouco mais. Mesmo sem controle do que foi vendido, Paulo Henrique Aleixo, do setor de calçados, disse que sábado e domingo foram os melhores dias. Já Isaura Pereira da Silva, do setor de confecções infantis "esperava por mais vendas". O domingo para ela "foi péssimo".



Pessoas de Três Lagoas e de Rondônia têm prestigiado a feira